

FILOSOFIAS EMERGENTES: APRESENTAÇÃO, PRESSUPOSTOS E PROPOSIÇÕES

Alana das Neves Pedruzzi¹

Filipi Vieira Amorim²

Tamires Lopes Podewils³

Simone Grohs Freire⁴

Junto da publicação desta edição da Revista do NESEF sobre Filosofias Emergentes, aproximamo-nos do fim deste que, além de importante, pareceu-nos um longo ano. E aqui chegamos com a sensação paradoxal de um tempo ora suspenso, porque arrastava-se e não passava, ora em movimento, porque com o passar dos dias assistimos o acontecer da História. E não é menos paradoxal perceber que assistimos

- 1 Professora Adjunta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no Núcleo de Fundamentos Políticos, Filosóficos e da Pesquisa. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA e Editora-chefe da Revista Ambiente & Educação da FURG. Vice-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica – NESEF Extremo Sul e pesquisadora do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes – GEFE. E-mail: alanadnp@gmail.com
- 2 Professor Adjunto e Coordenador do Núcleo de Fundamentos Políticos, Filosóficos e da Pesquisa do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica – NESEF Extremo Sul, pesquisador do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes – GEFE e do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Política e Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. E-mail: filipi_amorim@yahoo.com.br
- 3 Professora Adjunta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no Núcleo de Fundamentos Políticos, Filosóficos e da Pesquisa. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA e Editora-adjunta da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – REMEA da FURG. Líder do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes – GEFE e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica – NESEF Extremo Sul. E-mail: podewils.t@gmail.com
- 4 Professora Associada do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no Núcleo de Fundamentos Políticos, Filosóficos e da Pesquisa. Coordenadora-adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG e Coordenadora da Coordenação de Ações Afirmativas, Inclusão e Diversidades – CAID da FURG. Vice-líder do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes – GEFE e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica – NESEF Extremo Sul. E-mail: simonesgfreire@gmail.com

a História acontecer enquanto, de um modo ou de outro, a construímos. Por isso mesmo é significativo que agora, findando-se 2022, falemos em Filosofias Emergentes. Nada mais apropriado ao tema do que a História contextualizada, vivida e construída por sujeitos e movimentos sociais em luta, expressão que poderia nos servir de resumo sobre o que foi não só 2022, mas sobre o que foram os últimos anos.

Vocês, leitoras e leitores, hão de concordar que não se pode dizer habitual – e o diremos pela ausência de melhor adjetivo – um ano que começou, a nível global, com guerra deflagrada e seguiu com todo tipo de incertezas, incluindo ameaças de armas nucleares. Também nos seria impossível dizê-lo habitual quando lembrássemos da pandemia de COVID-19, que ainda nos acompanha depois de mais de 690 mil mortes, no Brasil. E em igual medida também não deveríamos olvidar outras guerras, conflitos, ameaças e inseguranças tantas que são ignoradas, sejam as que se apresentaram em 2022, sejam outras que há muito permanecem e são desconsideradas porque desconsideradas/os são aquelas/es que padecem com a permanência dessas guerras, conflitos, ameaças e inseguranças de toda ordem. Essa consideração inicial, portanto, serve-nos para a defesa da necessidade de negarmos qual seja o horror naturalizado ou disfarçado de habitual.

Dito isto, a problemática que se coloca e que conscientemente queremos colocar a partir dessa menção ao ano de 2022 é a de que alguns acontecimentos são capazes de chamar a atenção do mundo – leia-se “mundo” como o conjunto de países poderosos e influentes, influenciadores da opinião corrente porque imperialistas – enquanto outros são naturalizados e normalizados ao ponto de serem ignorados ou tratados como habituais – leia-se “ignorados” e “habituais” como ação e percepção dos mesmos países poderosos e influentes, influenciadores da opinião corrente porque imperialistas, que assim determinam e classificam os acontecimentos que não os importa. Essa constatação auxilia-nos a situar as Filosofias Emergentes, ou ainda, ajuda-nos a explicitar a razão pela qual queremos firmar e afirmar a importância histórica disso que estamos chamando Filosofias Emergentes, porque os objetos investigados e analisados em seu escopo estão mais próximos de tudo aquilo que fora ignorado e tornado habitual pelo mesmo conjunto de países poderosos e influentes, por isso influenciadores porque imperialistas, projetados nas frases anteriores. Mais do que isso, arriscamo-nos a dizer que não mencionaremos apenas “ignorado” e “habitual”, mas incluiremos esquecidos, atacados, apagados e mortos, pois estes adjetivos denotam a especificidade da origem das Filosofias Emergentes: pensamentos, conhecimentos, saberes, hábitos, culturas e histórias que foram subsumidas por países poderosos e influentes, imperialistas influenciadores da opinião corrente, ao ponto de se considerar legítima a negação de algumas existencialidades.

E agora poderíamos começar por enumerar as temáticas, objetos, hipóteses, conjecturas, assuntos etc. que somam parte das assim chamadas Filosofias Emergentes. O problema é que isso implicaria limitá-las, suprimi-las, adequá-las ao espaço estreito dos conceitos

teórico-filosóficos que, historicamente, contribuíram com o apagamento de sujeitos, etnias, comunidades, conhecimentos, saberes e movimentos sociais que hoje instituem uma Cultura de reconhecimento de si para si mesmos e aos Outros – leia-se “aos Outros” como, não raramente, aqueles que foram responsáveis pelo seu apagamento via imperialismos.

A questão é excessivamente complexa para que seja encerrada e demasiadamente simples para que não seja iniciada. Na perspectiva do “simples”, as Filosofias Emergentes tratam fundamentalmente, ou seja, têm como fundamento e princípio fundante a defesa sobre o direito a existir. Seu contraponto, a excessiva complexidade que se impõe, revestirá de atônita perplexidade quem seja capaz de pronunciar a questão que se segue com o mínimo de humanidade: como é possível a naturalização da supressão do direito de existir?

Em se falando de Brasil, supomos não ser possível tomar como habitual, natural, normal, normalizável etc. o fato de que há mais de meio milênio sujeitos e grupos sociais não têm o “simples” direito de existir – e quanta complexidade concentra a palavra “simples” assim usada. Porque nos é humanamente impossível pronunciar essa frase sem que sejamos tomados de assalto pelo seu sentido e significado histórico. Abate-se sobre nós a sensação hostil do desamparo ético e político que é característico aos processos de desumanização encampados pelo imperialismo, pelo colonialismo e pelo universalismo. Ora condicionado, ora determinado por estes aspectos, o Brasil é um país que, historicamente, desumaniza. Desumanizadas/os são, somos, condenadas/os a submergir, ao silenciamento ou à finitude, embora não seja aquela finitude histórica que algumas ontologias identificaram como acontecimento da existência humana dentro de um conceito que universalizou o conceito de humanidade.

Estamos longe da universalidade e da universalização dos conceitos filosóficos que *a priori* poderiam auxiliar-nos na compreensão da condição e da existência humana. Ao aproximarmo-nos do Sul Global e dos povos subalternizados, identificamos elementos submersos de suas existencialidades que contrariam os cânones filosóficos. Uma submersão que não se deu aleatoriamente senão pela decantação de elementos considerados “menos-humanos” pelo pedestal eurocêntrico-filosófico. Significa dizer que a atenção ao subalterno, a subalternização e à subalternidade coloca-nos diante de elementos dos cânones filosóficos que serviram de justificativa para que comunidades e grupos sociais fossem submersos, subsumidos por ideias e ideais de humanidade em relação aos quais gêneros, etnias, raças e classes não se adequaram. Não porque não quiseram ou se negaram, mas porque não foram considerados adequados à universalidade dos conceitos eurocêntricos. Desde aí, foi necessário adequar-se para existir. Isto ou o assassinato. O assassinato ou o genocídio. Se atentarmos a isso é impossível não questionar para onde foi a civilidade, a civilização? Onde foi parar o humanismo e a humanidade, o contrato social, o esclarecimento, a liberdade e todos os supostos fundamentos do cânone ético, político e filosófico europeu?

Diante dessas questões e para compreendermos as Filosofias Emergentes utilizamo-nos da metáfora do elemento submerso. Para existir foi necessário resistir. Resistência em meio à submersão. O elemento submerso que resiste oportuniza uma forma de existência histórica. Existir e habitar o mundo para construir a História, ainda que essa existência desumanize, inferiorize, descaracterize. O submerso é então classificado como subversor: a face destruída do sujeito inadequado, do indivíduo oprimido, do grupo social perseguido, da etnia desumanizada, da raça inferiorizada, do gênero violentado e da classe subalternizada. Dia a dia, pouco a pouco, enfrentando a incerteza fluutuante da lentidão histórica, o elemento submerso retorna vivo à superfície. Profundidade e superficialidade se confundem na complexidade desse fenômeno de aparição: submersão e resistência, transgressão e existência histórica.

É por isso que as Filosofias Emergentes não são uma invenção teórica no sentido de um apriorismo abstrato pensado no conforto dos privilégios históricos da branquitude eurocêntrica, patriarcal e capitalista. Tratar-se-ia de uma incongruência: não se pode reivindicar ao cânone que contemporizou a barbárie o reconhecimento de epistemologias e organizações sociais antes menosprezadas, atacadas e extirpadas porque não-humanas. As Filosofias Emergentes são aquelas que se fizeram ouvir historicamente em luta pelo direito a existir – mesmo submersas –, pelo direito a ter direitos. Trata-se menos de uma perspectiva teórica e abstrata acerca das possibilidades da filosofia ao entendimento do mundo e mais do entendimento do mundo corporificado pela filosofia que com isso emerge: uma filosofia encarnada, vivida, contextualizada.

Para nós, cada um dos manuscritos que vocês encontrarão aqui refletem, de um modo ou de outro, aquilo que se pode ver entre a superfície e a profundidade da submersão. Sobretudo, são textos que apresentam questões e reflexões necessárias aos nossos dias nesse país que ainda flerta com o autoritarismo. Na esperança por dias melhores e pelo fim das submersões, agradecemos a equipe editorial, avaliadoras e avaliadores *ad hoc*, autoras e autores que contribuíram e tornaram possível a publicação desta edição. Que a leitura seja agradável, provocadora, formativa, profícua, crítica e produtiva. Seguimos: sem medo de ser feliz.